

Jocely Catarina Stassi-Sé

(Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR)

Michel Gustavo Fontes

(Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - UFMS)

Transparência e opacidade nos sistemas de negação sentencial em línguas indígenas brasileiras

ABSTRACT: This paper investigates the negation system of nine Brazilian indigenous languages in order to detail their sentential negation strategies. Based on Hengeveld (2011) and in studies about negation (Dahl 1979; Bernini; Ramat 1996; Miestamo 2007), the aim is to systematize the linguistic aspects that indicate the transparency and/or the opacity of these languages in applying negation strategies and to correlate the morphological type of the languages to their sentential negation strategies. Taking into account that in FDG transparency can be obtained when a linguistic unit of the linguistic organization corresponds to one unit in another level (Leufkens 2015), it is intended to map the alignment between the representational and the morphosyntactic level to lead to a transparency scale. Two hypotheses guided us to data collection and analyses: morphological types seem to correlate with transparency and the presence of more than one strategy of negation indicates opacity.

KEYWORDS: Linguistic typology; FDG; Transparency; Negation.

RESUMO: Este trabalho investiga o sistema de negação de nove línguas indígenas brasileiras a fim de detalhar suas estratégias de negação sentencial. Com base em Hengeveld (2011) e em estudos sobre negação (Dahl 1979; Bernini; Ramat 1996; Miestamo 2007), objetiva-se sistematizar aspectos linguísticos que indiquem a transparência e/ou a opacidade dessas línguas no emprego das diferentes estratégias de negação e correlacionar o seu tipo morfológico às suas estratégias de negação sentencial. Sabendo-se que na GDF a transparência pode ser obtida quando uma unidade de um nível de organização linguística corresponde a uma unidade em outro nível (Leufkens 2015), pretende-se mapear o alinhamento entre os níveis representacional e morfossintático para chegar a uma escala de transparência. Para a coleta e análise de dados, guiam-nos as hipóteses de que os tipos morfológicos podem se correlacionar à transparência e a de que a presença de mais de um tipo de expressão de negação sinaliza opacidade.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística tipológica; GDF; Transparência; Negação.

Introdução

Toda língua natural apresenta algum meio particular para expressar a negação, seja por mecanismos de ordem fonológica, morfológica, sintática, lexical ou pela combinação de estratégias de vários níveis (Bernini; Ramat 1996), sendo consenso na literatura que trata da negação admitir seu estatuto universal (Miestamo 2007: 553).

De acordo com a lógica proposicional, a negação se faz por meio de um operador lógico que reverte o valor de verdade de um enunciado. Assim, quando p é verdadeiro, $não-p$ é falso, e *vice-versa*. Toda língua apresenta, assim, segundo a lógica proposicional, um ou mais mecanismos para negar a verdade de um enunciado, seguindo a proposição “Não é verdade que p ”, conforme exemplifica (1).

- (1) O tempo não está frio.
[Não é verdade que] o tempo está frio.

Embora esse seja o sentido básico da negação, tal definição não abrange a complexa interação da negação com diversos aspectos morfossintáticos, semânticos e pragmáticos. Nesse sentido, mais do que a simples adição de uma marca negativa a um enunciado positivo, a negação, quando comparada entre línguas distintas, mostra-se um fenômeno complexo, multifacetado, relacionado a funções cognitivas e comportamentais, representadas linguisticamente em cada língua, constituindo, nas palavras de Bernini e Ramat (1996: 1), um *universal pragmático*.

Considerando as diversas formas pelas quais opera a negação, este estudo concentra-se no que se tem chamado de negação padrão ou sentencial, ou seja, negação de orações principais verbais declarativas (Payne 1985). O objetivo geral é investigar o sistema de negação de nove línguas indígenas brasileiras, no caso apurinã, dâw, jarawara, kaiowá, kanoê, kotiria, matis, matsés e xavante, com a finalidade de mapear e sistematizar suas diversas estratégias de negação sentencial.

A partir desse mapeamento, busca-se entender como as diferentes estratégias de negação sentencial podem ser cotejadas para a determinação de propriedades transparentes ou opacas nessas línguas. Visa-se, assim, alcançar os seguintes objetivos específicos: (i) distinguir línguas que dispõem de um único mecanismo de negação de línguas que dispõem de mais de uma estratégia; (ii) identificar propriedades transparentes e opacas com relação às estratégias de negação de cada língua, levando em conta não só violações de princípios de transparência, como a descontinuidade, a redundância e a fusão (Leufkens 2015), mas também o alinhamento, entre os níveis de organização linguística, das unidades envolvidas na negação (Hengeveld 2011); e (iii) correlacionar o tipo morfológico da língua ao tipo de estratégia de negação (se morfológico, se sintático).

Para alcançar tais objetivos, a pesquisa se orienta pelos pressupostos teórico-metodológicos da Gramática Discursivo-Funcional (doravante GDF), de Hengeveld e Mackenzie (2008), tanto no que tange à análise das estratégias de negação sentencial das línguas, quanto no que tange ao tratamento da transparência e da opacidade.

No modelo da GDF, a negação sentencial, enquanto aspecto da formulação linguística, corresponde a um operador, o operador de polaridade negativa, do nível representacional, especificamente da camada do estado de coisas. Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008: 178), nos sistemas de polaridade das línguas, o valor negativo é geralmente marcado, enquanto o positivo não. Assim, no nível morfossintático, a codificação do operador de polaridade negativa se dá, de acordo com Dryer (2013), por meio de morfemas (afixos gramaticais), ou de palavras gramaticais, como as partículas. Dessa forma, esta pesquisa busca compreender os diferentes aspectos formais (morfológicos ou sintáticos) mobilizados na codificação da negação sentencial.

Sabendo que a negação sentencial dispõe tanto de estratégias morfológicas quanto sintáticas ou mesmo da combinação entre elas para sua realização em diversas línguas, esta pesquisa pergunta: (i) o que orienta a distribuição dessas estratégias entre as línguas; e (ii) se a presença de várias estratégias de negação sentencial em uma mesma língua leva a um sistema mais complexo e menos transparente em seu funcionamento. Para responder a essas perguntas, duas hipóteses orientam a análise: (i) línguas com apenas uma estratégia de negação tendem a não violar a transparência; e (ii) os tipos morfológicos das línguas podem se correlacionar à transparência.

Pode-se definir a transparência, de modo geral, como uma situação extrema em que existe uma relação consistente de um-para-um entre significado e forma (Leufkens 2013). Na GDF, a transparência é vista de uma perspectiva mais ampla, sendo definida como um fenômeno não binário, obtido não só quando uma unidade dos níveis da formulação (interpessoal e representacional, relativos ao significado) corresponde a uma unidade nos níveis de codificação (morfossintático e fonológico, relativos à forma), mas também quando uma unidade em um dos níveis de organização corresponde a uma unidade de algum outro nível.

Em função do recorte aqui proposto, serão investigadas as relações de transparência na interface entre os níveis representacional e morfossintático. Assim, espera-se que: (i) em línguas isolantes e aglutinantes, com apenas uma estratégia de negação, exista pareamento entre as unidades dos dois níveis; e (ii) em línguas mistas e fusionais, com mais de uma estratégia de negação, haja violação da transparência, por descontinuidade, redundância ou fusão.¹ O cruzamento entre as diferentes estratégias de negação e os tipos morfológicos de língua acionaria uma categorização, conforme o tipo de violação de transparência entre essas línguas, possibilitando sua projeção em uma escala de transparência.

Para alcançar tais discussões, este artigo se organiza da seguinte maneira: a primeira seção faz um panorama dos estudos tipológicos sobre negação sentencial; a segunda exibe os parâmetros de transparência/opacidade na GDF e sua aplicação ao fenômeno da negação; já a terceira apresenta a metodologia que determina a seleção da amostragem e a coleta e análise de dados; a quarta, por sua vez, traz as análises das estratégias de negação encontradas nas línguas, levando em conta os parâmetros de transparência e opacidade; por fim, as considerações finais elucidam uma proposta de escala de transparência envolvendo as línguas indígenas analisadas, traçando uma correlação entre tipo morfológico e transparência linguística.

1. A negação na tipologia linguística: conceituando a negação padrão

Os estudos tipológicos apresentam tratamentos diversos acerca da negação, mas todos são unânimes em aceitar seu caráter universal, já que toda língua apresenta estratégias cuja função é negar uma oração.

¹ Entende-se por fusão a relação de múltiplos significados para uma forma linguística (Leufkens 2015).

Payne (1985), que cunhou o termo *negação padrão*, definindo-o como a forma básica que as línguas apresentam para negar uma oração principal declarativa, aponta três marcadores desse tipo de negação nas línguas do mundo: negação por morfemas (afixal), negação por partículas e negação por verbos (verbos auxiliares e verbos negativos).² Em (2b), por exemplo, há um caso de negação por morfemas; já em (3b), apresenta-se um exemplo de negação por partícula; (4b) e (5b), por fim, trazem casos de negação por verbo auxiliar e por verbo negativo, respectivamente.

(2) Latvian (Lazdina 1966: 24-5 *apud* Miestamo, 2007: 553)

a. tēv-s strādā plavā
father-NOM work.3 meadow.LOC
'Father is working in the meadow.' (*Pai está trabalhando no campo.*)

b. tēv-s **ne**-strādā
father-NOM **NEG**-work.3
'Father is not working.' (*Pai não está trabalhando.*)

(3) Indonesian (Sneddon 1996: 195; David Gil *apud* Miestamo, 2007: 554)

a. mereka menolong kami
they help us.EXCL
'They helped us.' (*Eles nos ajudaram*)

b. mereka **tidak** menolong kami
they **NEG** help us.EXCL
'They didn't help us.' (*Eles não nos ajudaram.*)

(4) Finnish (Miestamo 2007: 554)

a. koira-t haukku-vat
dog-PL bark-3PL
'Dogs bark.' (*Cachorros latem.*)

b. koira-t **ei**-vät hauku
cachorro-PL **NEG-AUX3PL** latir.CNG
'Dogs do not bark.' (*Cachorros não latem.*)

(5) Tongan (Churchward 1953:56 *apud* Miestamo, 2007: 555)

a. na'e 'alu 'a siale
PST go ABS Siale
'Siale went.' (*Siale foi.*)

² Verbos auxiliares constituem um núcleo auxiliar no âmbito do sintagma verbal em torno do qual podem gravitar marcações de modo, tempo, aspecto, número, pessoa, negação, entre outras (Bacelar, 2004: 226). Verbos negativos funcionam como verbos da oração principal que recebem um complemento oracional (Miestamo 2007: 555)

b. ³	na'e	'ikai	ke	'alu	'a	siale
	PAST	NEG	SBJV	go	ABS	Siale
	'Siale did not go.' (<i>Siale não foi.</i>)					

Acerca da organização de sistemas de negação padrão, Dahl (1979) propõe uma tipologia que distingue dois tipos de estratégias de negação: morfológica e sintática. De acordo com o estatuto do marcador morfológico, a negação é dividida entre prefixal (6a), sufixal (6b) e circunfixal (6c).

- (6) a. Latvian (Lazdina 1966: 24-5 *apud* Miestamo, 2007: 553)
 tēv-s ne- strādā
 father NOM NEG- work.3
 'Father is not working.' (*Pai não está trabalhando.*)
- b. Lezgian (Haspelmath 1993: 127- 245 *apud* Miestamo, 2007: 553)
 xürünwi-jri ada-waj meslät-ar ħaču-zwa- ħ
 villager-PL (ERG) he-ADEL advice-PL take-IPFV-NEG
 'The villagers do not take advice from him.' (*Os aldeões não aceitam conselho dele.*)
- c. Chukchi (Kämpfe; Volodin 1995:68-9 *apud* Miestamo, 2007: 554)
 a-nto-ka itə-rkən
 NEG-go.out-NEG be-DUR
 '(S)He does not go out.' (*Ele/ela não vai embora.*)

Na negação sintática, o marcador pode ser uma partícula invariável ou um verbo auxiliar, como ilustram, respectivamente, os exemplos (7a) e (7b).

- (7) a. French (Miestamo 2007: 554)
 je ne chante pas
 1SG NEG sing.PRS.1SG NEG
 'I do not sing.' (*Eu não canto.*)
- b. Finnish (Miestamo 2007: 554)
 koira-t ei-vät hauku
 dog-PL NEG-AUX3PL bark.CNG
 'Dogs do not bark.' (*Cachorros não latem.*)

Sobre essa classificação, Dryer (2013) propõe uma tipologia que reorganiza as estratégias de negação em dois tipos: (i) línguas que expressam negação por meio de afixos, isto é, por meio de morfemas negativos; e (ii) línguas que fazem uso de formas livres, isto é, de palavras negativas independentes, como partículas invariáveis ou verbos negativos.

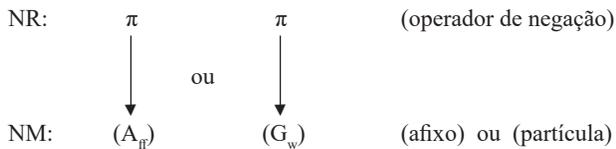
Considerando-se as tipologias discutidas, esta pesquisa toma as propostas de Dahl (1979) e Dryer (2013) como ponto de partida para a análise das línguas da amostragem, servindo para a sistematização de suas estratégias de negação padrão.

³ É importante destacar, a respeito do exemplo (5b), que *ikai* funciona como um verbo negativo, apresentando a oração afirmativa como complemento, e que o marcador de subjuntivo *ke* marca a oração complemento como subordinada.

2. Transparência e opacidade nas estratégias de negação

Segundo Hengeveld (2011: 10), “a transparência ou a falta dela pode ser obtida entre todos os níveis do componente gramatical” ou “dentro de cada um dos níveis de codificação: o nível morfossintático e o nível fonológico”. Este estudo enfoca as operações que ocorrem na interface entre os níveis representacional e morfossintático.

Conforme o modelo da GDF, uma relação transparente entre forma e significado, no tocante ao fenômeno da negação, sugere a existência de um operador de negação no nível representacional, codificado por um morfema de negação ou por uma partícula livre no nível morfossintático, conforme o seguinte esquema.



Entretanto, tendo em vista que toda língua viola a transparência de alguma forma, seja na gramática ou no léxico (Leufkens 2015), esse esquema pode ser transgredido. Aqui são apresentados três tipos de relação que demonstram formas de violação que aderem aos casos de marcação de negação padrão por morfema ou por partícula, na interface entre os níveis representacional e morfossintático:

- (i) relação de um-para-muitos: uma unidade de significado é expressa de múltiplas formas (Leufkens 2015). Em casos como esse, uma das formas não é necessária, ocorrendo **redundância** na marcação da negação, já que não há acréscimo de nenhuma outra informação;
- (ii) relação de muitos-para-um: múltiplos significados são estabelecidos em uma única forma linguística, constituindo **fusão** (Leufkens 2015). Nesses casos, o morfema que marca a negação também marca outros significados adicionais;
- (iii) relação de violação do princípio de integridade de domínio: unidades que pertencem a um mesmo domínio no nível interpessoal e representacional devem estar justapostas no nível morfossintático (Hengeveld; Mackenzie 2008: 285). A violação da integridade de domínio resulta em unidades que têm seu domínio interrompido, por isso a categoria é chamada de **descontinuidade**. Em casos como esse a negação acontece na forma de circunfixos, isto é, um afixo que contém duas partes descontínuas, como a estrutura de negação *ne* (verbo) *pás* do francês (Leufkens 2015).

Considerando-se que a transparência de uma língua pode ser verificada pela quantidade de características não transparentes que apresenta (Leufkens 2015), objetiva-se, a partir dessas categorias, sistematizar os tipos de estratégias de negação conforme os tipos de violação encontrados na amostragem.

3. Parâmetros metodológicos

A hipótese que guia a seleção da amostragem é a de que os tipos morfológicos das línguas podem se correlacionar com os tipos de violação de transparência. Assim, línguas que concentram tipo morfológico isolante ou aglutinante tenderiam a ser transparentes. Essa hipótese se baseia na possível correlação entre tipos morfológicos e transparência, levantada por Hengeveld e Leufkens (inédito). Cumpre esclarecer que a classificação dos tipos morfológicos, amplamente discutida na literatura da tipologia linguística,⁴ leva em conta um cenário ideal no qual as línguas seriam de tipos exclusivos, o que não necessariamente ocorre.

Tipos morfológicos podem ser definidos conforme dois parâmetros: de transparência semântica e síntese (Hengeveld; Mackenzie 2008: 301). De acordo com o primeiro parâmetro, as línguas podem ser isolantes (apresentam uma relação ideal de um-para-um entre uma palavra e uma unidade de significado, sendo semanticamente transparentes), aglutinantes (apresentam uma relação ideal de um-para-um entre um morfema e uma unidade de sentido, sendo semanticamente transparentes) e fusionais (não apresentam uma relação de um-para-um entre uma unidade formal e uma unidade de sentido, sendo semanticamente opacas).

Já de acordo com o parâmetro de síntese, distinguem-se línguas polissintéticas e não polissintéticas: as primeiras permitem a presença de mais de um elemento lexical dentro de uma mesma palavra, as últimas, não (Hengeveld; Mackenzie 2008).

Como os dois parâmetros são independentes, as línguas podem apresentar diferentes combinações, sendo que a única restrição é que línguas polissintéticas não podem, simultaneamente, ser isolantes, já que fazem uso de afixos.

Baseando-se nessas considerações, as línguas que compõem a amostragem precisam apresentar tipologias distintas para que se possa correlacionar seus tipos à transparência. O quadro 1 mostra a composição da amostragem:

Quadro 1: Composição da amostragem de línguas indígenas

Língua	Filiação Genética	Tipo Morfológico	Obras de referência
apurinã	família maipuran	aglutinante	Facundes (2000)
dâw	família maku	isolante (aglutinante/ fusional)	Martins (2004)
hup	família nadahup ou maku	aglutinante/fusional	Epps (2005)
kaiowá	família tupi-guarani	aglutinante	Cardoso 2008
kanoê	família kanoê	aglutinante/fusional/polissintética	Bacelar (2004)
kotiria	família tukano	aglutinante/polissintética	Stenzel (2013)
matis	família pano do norte	aglutinante/isolante	Ferreira (2005)
matsés	família pano	aglutinante/ fusional /isolante (polissintética)	Fleck (2003)
xavante	família jê	isolante	Oliveira (2007)

⁴ Devido à restrição de espaço, não serão discutidas no artigo todas as classificações tipológicas propostas pela literatura da área. Para mais informações, consultar Dalla Pria (2006).

Tendo em vista as línguas do quadro 1, a coleta e a análise de dados se orientam a partir dos parâmetros levantados na primeira seção, que abrangem a identificação das línguas que apresentam: (i) estratégias de negação por morfemas; (ii) estratégias de negação por partícula; (iii) estratégias de negação por morfemas e por partículas.

Além da identificação das estratégias de negação, a pesquisa busca verificar se há violação da transparência no uso dessas estratégias, levando-se em conta a interface entre os níveis representacional e morfossintático. Os parâmetros utilizados para a identificação dessa violação, discutidos na segunda seção, são os que seguem: (i) redundância; (ii) fusão; (iii) descontinuidade.

Ademais, serão correlacionados os tipos morfológicos das línguas e o tipo de violação de transparência, para a proposição de uma escala de transparência entre as línguas no que diz respeito ao uso de estratégias de negação.

4. Sistemas de negação sentencial nas línguas indígenas e a propriedade da transparência linguística

A partir das propostas de Dahl (1979) e de Dryer (2013), distinguem-se, entre as línguas indígenas aqui analisadas, dois grupos: (I) línguas que apresentam um sistema de negação mais simples,⁵ dispondo de uma única estratégia de negação – ou morfológica, ou sintática, e (II) línguas que apresentam um sistema de negação mais complexo, fazendo uso de mais de uma estratégia de negação.

No grupo (I), encontram-se línguas como dâw, xavante e kaiowá. Em dâw, a negação sentencial é morfológica, já que, segundo Martins (2004: 509), sua expressão envolve a sufixação do morfema negativo *-êh* à palavra verbal (8a). Já o xavante dispõe, conforme afirma Oliveira (2007: 236), da partícula invariável *õ* para a marcação da negação sentencial (8b). Para a autora, que se pauta pela morfologia distributiva, *õ* é um morfema negativo livre que ocorre junto ao morfema estativo *di* e se aloca após a raiz verbal. Trata-se, portanto, de uma estratégia sintática de negação.

(8) a. Dâw (Martins 2004: 509)

j'amxuʔ	hêd-êh	tih	wã	fún
onça	possuir-NEG	3SG	terçado	COL.AUM

‘onça não tem nem o terçado dela.’
‘a onça não tem o terçado dela.’

b. Xavante (Oliveira 2007: 238)

buru	u	ø	te	ø-romhuri	õ	di
roça	em	1SG	PRS.PST	1SG-trabalhar	NEG	EST

‘eu não trabalho / trabalhei na roça.’

⁵ Neste artigo o que se entende por sistemas de negação simples ou complexos se restringe ao número de estratégias de negação empregadas por uma língua.

De acordo com Martins (2004: 509), o sufixo negativo *-êh*, em *dâw*, é uma redução do verbo estativo *mêh*, que significa *não ter*, *não existir*. Isso representa uma tendência apontada por Bernini e Ramat (1996: 30): palavras originalmente autônomas podem desenvolver-se em itens de polaridade negativa. Em *dâw*, parece haver, dessa forma, uma gramaticalização de verbo (*mêh*) a sufixo negativo (*-êh*).

Enquanto verbo estativo, *mêh* indica, como propõe Martins (2004: 208), a inexistência de alguma entidade, correspondendo a um verbo negativo (9a-b). Esse apontamento não invalida, entretanto, a proposta de se considerar *dâw* como língua de uma única estratégia de negação (pertencente, dessa forma, ao grupo (I)), pois, com base no trabalho de Martins (2004), nota-se que, para a marcação da inexistência de uma entidade, estão concorrendo duas formas, o verbo negativo *mêh* e o sufixo negativo *-êh*, e que, nessa “competição”, o sufixo negativo está ganhando o espaço do verbo. Em (9c), por exemplo, Martins (2004, p. 208) mostra ser possível negar o verbo estativo *nĩ* (que significa *existir*, ou *estar*) por meio do sufixo *-êh*, e, segundo a autora, a combinação *nĩ-êh* equivale ao significado de *mêh*, o que permite prever que, em *dâw*, o uso do sufixo negativo está bastante generalizado.⁶

(9) a. *Dâw* (Martins 2004: 213)

hid tɛ **mêh** tɛ
3PL filho **não.ter** ainda
'eles não tinham filho.' (Lit.: Filho deles não há ainda)

b. *Dâw* (Martins 2004: 213)

tih xvk paáh-êh tih fòb **mêh** ?uj
3SG puxar saber-NEG 3SG mão **não.ter** CONJ
'ele não sabe puxar porque não tem mão.' (Lit.: 'ele não sabe puxar porque mão dele não há.')

c. *Dâw* (Martins 2004: 214)

?id wap **nĩ-êh** dũ? hid pej
1PL TOT **estar-NEG** também 3PL ILAT
'nós todos também não estamos perto deles.'

Em síntese, é possível afirmar que o operador de polaridade negativa é codificado, em *dâw*, por meio de um morfema gramatical, o afixo *-êh*, e, em xavante, por meio de uma palavra gramatical, no caso a partícula *õ*. Nota-se, no tocante ao sistema de negação dessas duas línguas, um pareamento um-para-um entre unidade de significado (o operador de polaridade negativa do nível representacional) e unidade formal (o afixo *-êh* e/ou a partícula *õ*, no nível morfossintático), o que evidencia que se trata de estratégias transparentes de negação.

⁶ A generalização do uso do morfema *-êh*, que passa a assumir o lugar do verbo negativo *mêh*, mostra que o sistema de negação de *dâw* deixa de ser um sistema com mais de uma estratégia de negação para se constituir como um sistema com uma única estratégia de negação. Isso faz com que este artigo tome a opção teórico-metodológica de considerar *dâw* como língua pertencente ao grupo (I).

Este trabalho considera, assim, que as línguas do grupo (I), como *dâw* e *xavante*, detêm um sistema de negação transparente, já que, ao se valer de uma única estratégia de negação, tal sistema sustenta a relação um-para-um entre significado e forma. O sistema de negação dessas línguas, conforme representa a figura 1, alinha uma unidade conceitual ou significativa, no caso o operador de polaridade negativa, a uma única unidade morfossintática, seja ela um afixo ou uma palavra. Para Slobin (1977: 186 apud Leufkens 2015: 30), “há uma tendência para que a linguagem se esforce em manter o mapeamento um-para-um entre estruturas semânticas subjacentes e formas superficiais”; assim, sistemas de negação com uma única estratégia de marcação, altamente generalizada, como em *dâw* e *xavante*, conformam-se a essa tendência.

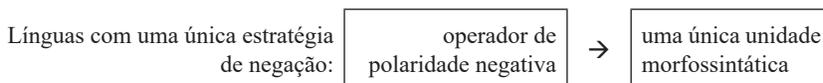


Figura 1: Transparência das línguas com uma única estratégia de negação

Em *kaiowá*, a negação é morfológica e, conforme Cardoso (2008: 149), envolve a presença do morfema descontínuo *na-...-i*, que pode negar todos os tipos de predicados, verbal ou não-verbal (10a-b).

(10) a. *Kaiowá* (Cardoso 2008: 149)

haʔe **n-o-Ø-puka-i** ɲaɲwarete maʃo
 ele **NEG-3SG.A-REL-matar-NEG** onça macho
 ‘ele não matou a onça macho.’

b. *Kaiowá* (Cardoso 2008: 149)

ʃe **n-a-wiʔa-i**
 eu **NEG-1SG-alegre-NEG**
 ‘eu não estou alegre.’

Para Bernini e Ramat (1996), a negação descontínua é um tipo de construção marcada morfológicamente. De acordo com Leufkens (2015: 66), o morfema descontínuo *na-...-i* corresponde a um circunfixo, pois consiste em duas partes fonologicamente distintas, mas relacionadas a uma única unidade de significado. Na visão da GDF, o operador de polaridade negativa, enquanto unidade de significado, é codificado, no nível morfossintático, por um afixo que contém duas partes descontínuas.

Esse tipo de construção viola o princípio de integridade de domínio, segundo o qual unidades de um mesmo domínio ou camada nos níveis interpessoal e/ou representacional devem ocorrer, no nível morfossintático, de forma justaposta (Hengeveld; Mackenzie, 2008: 285). Conforme Leufkens (2015: 63), têm-se, em (10a-b), casos de **descontinuidade**, uma vez que se estabelece uma relação entre uma unidade de significado e uma unidade morfossintática cindida em muitas partes. A presença de um circunfixo no sistema de negação do *kaiowá* representa, portanto, um traço de opacidade na língua.

Assim como *dâw* e *xavante*, *kaiowá* apresenta uma única estratégia de negação, o que levaria a considerá-la uma língua com um sistema de negação transparente. Entretanto, sua única estratégia de negação envolve um circunfixo, o que, segundo Leufkens (2015), viola o princípio de integridade de domínio e fortalece seu caráter opaco. Faz-se necessário, então, reconsiderar a ideia inicial deste trabalho e prever que, entre as línguas do grupo (I), deve haver dois subgrupos: (a) aquelas transparentes, com estratégias que se conformam a uma relação um-para-um entre unidade de significado e unidade formal, como *dâw* e *xavante*; e (b) aquelas que, mesmo com uma única estratégia de negação, perdem em termos de transparência por violar, de alguma maneira, a conjugação biunívoca entre significado e forma, como o *kaiowá* com a negação descontínua.

Já no grupo (II), que abriga línguas com um sistema mais complexo de negação, encontram-se o *kanoê*, o *matis*, o *matsés*, o *kotiria*, o *apurinã* e o *hup*. Em *kanoê*, a negação sentencial é morfológica, fazendo uso, conforme aponta Bacelar (2004), ou do afixo *-k* (11a), inserido antes do marcador de modo declarativo-afirmativo *-e*, ou do afixo *-kũ*, que ocorre posposto ao verbo da oração (11b).

(11) a. Kanoê (Bacelar 2004: 216)

aj ja ð-k-e-re
1SG querer 1-NEG-DECL-AUX
'eu não quero.'

b. Kanoê (Bacelar 2004: 217)

kamitsi vætsi vætsi e-re mini vætsi-kũ n-e-re
ontem chuva.ter chuva.ter DECL-AUX hoje chuva.ter-NEG.FUT 3-DECL-AUX
'ontem choveu muito, hoje não vai chover.'

De acordo com Bacelar (2004: 2017), o sufixo *-kũ* nega apenas estados de coisas inconclusos e futuros, o que indicia uma especialização em seu uso. Em (12a), por exemplo, a marcação de aspecto progressivo parece depender exclusivamente da presença do morfema *-kũ*; esse sufixo, então, sinaliza, além da negação, a inconclusividade do estado de coisas descrito. Por outro lado, em (11b) e (12b), a marcação de futuridade parece também se dar somente pela presença do sufixo *-kũ*, que, além do valor negativo, abriga um valor temporal. É possível, portanto, tratar *-kũ* como um morfema cumulativo, já que, além da negação, agrega noções aspectuais, como o progressivo (12a), e temporais, como o futuro (11b); (12b).

(12) a. Kanoê (Bacelar 2004: 217)

tsokere aj o-ð-ro-kũ ð-e-re ña mapi-ka
não 1SG segurar-1-CLV-NEG.PROG 1-DECL-AUX POSS1SG flecha-CLE
'não, eu não estou levando meu arco.'
'eu não estou levando meu arco não.'

b. Kanoê (Bacelar 2004: 217)

aj vajvaj-ð-kũ ð-e-re
1SG cantar.RED-1-NEG.FUT 1-DECL-AUX
'eu não vou cantar.'

O morfema negativo *m(a)-* também funciona, de acordo com Facundes (2000), como um marcador privativo (15), indicando a ausência da propriedade designada pela base nominal ou adjetival a que se junta. Em (15a), por exemplo, ao juntar-se ao substantivo *unuro* (mãe), *m-* indica a ausência da figura materna; já em (15b), prefixado ao adjetivo *ere* (bonita), indica a ausência da propriedade descrita pela base adjetival.

(15) a. Apurinã (Facundes 2000: 338)

m-unuro-to

PRIV-mother-3.M.O

'she's motherless.'

'ela está sem mãe.'

b. Apurinã (Facundes 2000: 338)

mẽ-ere-tu

PRIV-be.pretty-3.M.O

'he is ugly.'

'ele é feio.' (Lit.: 'ele é não-bonito.')

Já em kotiria, a negação morfológica se constrói, conforme Stenzel (2013: 246), por meio dos sufixos *-era* e *-si* (16a-b); já a negação sintática envolve o uso da partícula negativa *~de* (16c) e do verbo negativo *~badia*, um verbo inerentemente negativo usado para a construção de predicções existenciais negativas (16d).

(16) a. Kotiria (Stenzel 2013: 247)

mahsa chueraka dierore

~basá chu-éra-ka dié+ró+ré

people eat-NEG-ASSERT.IPFV dog+SG+OBJ

'people don't eat dogs.'

'pessoas não comem cachorros.'

b. Kotiria (Stenzel 2013: 302-303)

ã yoana, sã kotiria ne bosì sã yahoare durukuare

~a=yoá~da ~sá kó-ti+ri+a ~dé

so=do-(1/2)PL 1PL.EXC water-VBZ+NOM+PL NEG

bó-sí ~sa=yá-hoa+re dú-ruku+a+re

forget-NEG.IRR 1PL.EXC.POSS=POSS-write+OBJ talk-stand+PL+OBJ

'this way, we Kotiria won't forget how to write and speak.' (or 'our writing and our language')

'dessa forma, nós Kotiria não esqueceremos como escrever e falar (ou nosso escrever e nossa língua).'

c. Kotiria (Stenzel 2013: 141)

ne noare ya'uku ninobu

~dé ~doá+re ya'ú-ku ~dí~dobu

NEG WH+OBJ tell-(1/2)MASC be.PROG-IPFV.EMPH

'Tell no one.'

'não conte a ninguém.'

d. Kotiria (Stenzel 2013: 203)

marire chua maniaara
 ~barí+ré chúa ~badía+ra
 1PL.INC+OBJ food not.exist+VIS.IPFV.2/3
 ‘There isn’t any food for us.’
 ‘não há comida para nós.’

De acordo com Stenzel (2013: 301), o morfema *-era* nega verbos usados em sentenças que descrevem estados de coisas reais, e verbos de sentenças que descrevem estados de coisas irrealis são negados pelo morfema *-si*. Com base em (16a-b), observa-se que a marcação do modo *realis/irrealis* depende exclusivamente da presença dos morfemas negativos, isto é, não há, nas sentenças, outra estratégia de marcação para o modo *realis/irrealis*. Dessa forma, duas possibilidades de análise podem ser levantadas: (i) a de que tanto *-era* como *-si* são morfemas cumulativos; ou (ii) a de que somente *-si* é um morfema cumulativo, marcando, além da negação, o modo *irrealis*. Essas duas possibilidades apontam para a presença de morfemas cumulativos no sistema de negação sentencial do kotiria, o que deixa evidente seu caráter opaco.

No tocante à negação sintática, Stenzel (2013: 140) afirma que *~de* é uma partícula invariável e inerentemente negativa, isto é, capaz de, por si só, marcar a negação sentencial, conforme se observa em (16c). Segundo a autora, *~de*, quando em contexto de dupla negação, pode ser traduzido por indefinidos negativos, como *nada* (17a), *ninguém* (17b), *nunca* (17c) e *nenhum* (17d-e).

(17) a. Kotiria (Stenzel 2013: 141)

ne bahuera
 ~dé bahu-éra+a
 NEG be.visible-NEG+ASSERT.PFV
 ‘there was no trace of it.’ (or ‘nothing was there.’)
 ‘não havia nada.’

b. Kotiria (Stenzel 2013: 141)

ne ahika nieraa topu
 ~dé ahí-ku ~di-éra+a tó-pu
 NEG be.concerned-(1/2)M be.PROG-NEG+ASSERT.PFV REM-LOC
 ‘He was there, concerned about nothing.’ (or ‘... about no one.’)
 ‘ele não estava preocupado com ninguém.’

c. Kotiria (Stenzel 2013: 142)

ne mahsi to mahsieratiga
 ~dé ~basi to=~basi-éra-ati+a
 NEG know 3SG.POSS=know-NEG-IPFV+ASSERT.PFV
 ‘We never knew what had happened to them.’
 ‘nós nunca soubemos o que aconteceu a eles.’

- d. Kotiria (Stenzel 2013: 141)
 ne maniaa tina paina dieyakã
 ~dé ~badía+a tí~da tó-pu dié-yá~ká
 NEG not.exist+ASSERT.PFV ANPH-PL ALT-NOM.PL dog-PL-DIM
 ‘There were no little dogs there.’
 ‘não havia nenhum cachorro pequeno lá.’
- e. Kotiria (Stenzel 2013: 141)
 ne mania to namono
 ~dé ~badía+a to=~dabó+ro
 NEG not.exist+ASSERT.PFV 3SG.POSS=wife+SG
 ‘his wife wasn’t there.’
 ‘sua esposa não estava lá.’ (Lit.: ‘não havia nenhuma esposa dele lá.’)

Em (17), notam-se casos de concordância de negação, em que se combinam duas estratégias de negação, ou seja, a partícula inerentemente negativa *~de* se combina ao morfema negativo *–era* (17a-c) ou ao verbo negativo *~badia* (17d-e). Tem-se, assim, um reforço ao caráter opaco do sistema de negação do kotiria.

Ferreira (2005: 270) afirma que, em matis, a negação sentencial envolve a sufixação à raiz verbal de dois morfemas distintos: (i) o morfema *–emen*, usado em orações de tempo não-passado (18a-b), e (ii) o morfema *–ama*, usado em orações de tempo passado (18c-d).

- (18) a. Matis (Ferreira 2005: 147)
 nibi mibi nun-**emen**
 hoje 2SG.ABS nadar-NEG.NPST
 ‘hoje você não vai nadar.’
- b. Matis (Ferreira 2005: 147)
 papi-bo-n t̥sue-**emen** -pa
 homem-COL-ERG conversar-NEG.NPST-EMPH
 ‘os homens não conversam.’
- c. Matis (Ferreira 2005: 148)
 ibi kuan-**ama**
 1SG.ABS ir-NEG.PST
 ‘eu não viajei.’
- d. Matis (Ferreira 2005: 148)
 Kamun-n i̯sma-Ø ak-**ama** ik-bonda-̯
 onça-ERG i̯sma-ABS matar-NEG.PST AUX-REM.PST-3.EXP
 ‘a onça não matou o i̯sma.’

Com os dados em (18), nota-se que há uma especialização nos usos dos morfemas negativos em matis: enquanto *–ama* ocorre somente com o tempo passado recente, o uso de *–emen* se restringe a sentenças de tempo não-passado (Ferreira 2005: 148). Além disso, afirma o autor que, na sufixação desses morfemas negativos à raiz verbal, não é possível acrescentar marcas aspectuais e/ou temporais ao verbo sem o auxiliar *ik-*; em (18d), por exemplo, observa-se que é necessário, para a expressão de tempo passado remoto, o acréscimo do morfema *–bonda* ao auxiliar *–ik*.

Em (18a-c), os morfemas negativos parecem também contribuir para a delimitação da referência temporal dos estados de coisas que escopam: em (18a), a marcação de futuridade depende da presença do morfema negativo *-emen*; o mesmo se aplica a (18b), em que a marcação de presente se dá também por meio do morfema negativo *-emen*; em (18c), por fim, a construção de uma referência temporal anterior ao momento de fala (passado) fica atrelada ao uso do morfema *-ama*. Desse modo, esses morfemas negativos representam casos de cumulação, agregando, além do valor negativo, valores temporais. Esse resultado sinaliza um traço de opacidade no sistema de negação do matis.

Em orações predicativas e existenciais, a negação é sintática e se dá, de acordo com Ferreira (2005: 206), por meio de duas partículas: *bama* e *pimen*. Segundo o autor, enquanto *bama* é uma partícula negativa de sentenças possessivas, negando um substantivo (19a), a partícula *pimen* ocorre em sentenças predicativas, negando adjetivos (19b).

(19) a. Matis (Ferreira 2005: 207)

nibi	şubu-Ø	bama	Ø	tşodke-ak	şubu-Ø
hoje	casa-ABS	NEG	existir	estragar-REC.PST	casa-ABS

‘hoje não tenho casa. A casa estragou.’

b. Matis (Ferreira 2005: 169)

matses-in	tidinte	bida	kimo	kodubo-n
Matis-POSS	zarabatana	bonita/boa	muito	korubo-POSS
tidinte	bida	pimen		
zarabatana	bonita	NEG		

‘a zarabatana do Matis é muito bonita, mas a zarabatana do Korubo **não** é bonita.’

Ferreira (2005) não traz, em sua descrição gramatical, comentários ou exemplos de co-ocorrência dessas diferentes estratégias de negação. Em matis, encontram-se diferentes estratégias altamente especializadas para a marcação de negação, isto é, cada uma dessas estratégias apresenta um contexto específico de uso, subordinando-se ao tipo de sentença (se predicativa, se existencial) ou ao tipo de marcação temporal (se passado ou não-passado). Essa observação faz pensar na inviabilidade de uma dupla negação, isto é, da concordância de negação.

A negação em matsés, de acordo com Fleck (2003), é expressa ou por meio de morfemas negativos (20a-d), ou por meio do verbo copular *nibēd*, que forma sentenças existenciais negativas (20e).

(20) a. Matsés (Fleck 2003: 1064)

nid- en -quio	ic-e-bi
go- NEG -AUG	AUX-NPST-1SG

‘I’m not going.’ (‘eu não estou indo.’)

b. Matsés (Fleck 2003: 1064)

nid- a -mbo	ic-e-bi
go- NEG .PFV-AUG	AUX-NPST-1SG

‘I have not gone.’ (‘eu não fui.’)

- c. Matsés (Fleck 2003: 433)
 inchêsh-n capu-**esa**
 dark-LOC locomote-NEG.HAB
 ‘they don’t move about at night.’ (‘*eles não costumavam se movimentar à noite*’)
- d. Matsés (Fleck 2003: 718)
 abuc cani-**quid-penquio** shêcmaucudanmês ne-e-c
 high grow-A.NMLZ-NEG palm.specie be-NPST-IND
 ‘the shêcmaucudanmês palm does not grow tall.’ (Lit.: ‘...is a not tall growing one.’)
 (‘as palmeiras shêcmaucudanmês não crescem alto’ (Lit.: ‘... não são as do tipo que crescem alto’))
- e. Matsés (Fleck 2003: 966)
 dunu **nibêd**-o-sh nêid
 dunu **not.be**-PST-3SG this.one
 ted ic-o-sh que-onda-sh
 as.many.as be-PST-3SG say-REM.PST-3SG
 ‘‘there isn’t a Dunu (among my people), these (the following) are all there are’’, he said.’
 (‘não há um Dunu (entre meu povo), estes (*os seguintes*) são todos que há, ele disse.’)

Os três primeiros morfemas negativos (20a-c) distinguem-se, conforme Fleck (2003: 1067), pela marcação de aspecto: enquanto o morfema *-en* tem um uso mais generalizado em termos aspectuais, podendo codificar aspecto perfectivo ou imperfectivo, o morfema *-a* codifica apenas aspecto perfectivo; o morfema *-esa*, por sua vez, codifica aspecto habitual, negando a habitualidade de um estado de coisas. O morfema *-penquio*, por outro lado, constrói, de acordo com Fleck (2003: 718), sentenças copulares negativas, como em (20d).

No caso dos morfemas *-en* e *-penquio*, há estratégias transparentes de negação, já que sustentam a relação um-para-um entre o operador de polaridade negativa, no nível representacional, e a unidade formal de codificação, no nível morfossintático. Por outro lado, os morfemas *-a* e *-esa* representam instâncias de opacidade (ou de violação de transparência) em matsés, especificamente de fusão, já que, enquanto morfemas cumulativos, codificam duas noções semânticas distintas – negação e aspecto – e, assim, constituem casos de uma relação muitos-para-um.

Por fim, em hup, a negação morfológica se faz, segundo Epps (2005: 605), pela sufixação do afixo *-nih* à raiz verbal (21a-b). Segundo o autor, essa estratégia representa o modo mais básico e comum de negação, isto é, prefere-se, entre as estratégias disponíveis para a negação sentencial, a morfológica.

- (21) a. Hup (Epps 2005: 606)
 mangă hîd-ăn taw-**nih**
 Margarita 3PL-OBJ scold-NEG
 ‘Margarita didn’t yell at them.’ (‘*Margarita não ralhou com eles*’)
- b. Hup (Epps 2005: 606)
 kayak=tîg maca- nih pîd cană b’îyi? macá-áh
 manioc=stem grow-NEG DIST pineapple only grow-DECL
 ‘manioc doesn’t grow either; only pineapple grow.’ (‘*mandioca não cresce também, somente abacaxis crescem.*’)

A negação sintática, por sua vez, pode se dar por meio de partículas e/ou por meio de verbo negativo. Para negar a existência ou a presença de uma entidade nominal, o hup, de acordo com Epps (2005: 615), faz uso de uma estratégia sintática de negação, especificamente a partícula *pǎ* (22), que se comporta, segundo o autor, como um predicado completo e tem o escopo sobre todo o sintagma nominal.

(22) Hup (Epps 2005: 615)

ʔin=Du=d'əh	kotʔah=cóʔ=yiʔ	húp	pǎ
1PL= ancestors=PL	before=LOC= TEL	human	NEG.EX

‘in the time before our ancestors there were no people.’ (‘no tempo antes dos nossos ancestrais não havia pessoas.’)

Já a partícula negativa *ʔǎp* tem a função de contradizer uma asserção ou negar a identidade de uma entidade nominal (Epps 2005: 619), isto é, nega predicacões identificacionais. Formalmente, *ʔǎp* é uma forma livre, fonologicamente independente de outras formas precedentes, e não recebe nenhum afixo flexional (23).

(23) Hup (Epps 2005: 619)

Mangǎ	ʔǎp
Margarita	NEG

‘((It was) not Margarita (but someone else)).’ (‘não foi a Margarita (mas outro alguém)’).

Por fim, o hup, de acordo com Epps (2005: 623), dispõe de um verbo inerentemente negativo, *muɣ*- (24), que significa *não conseguir algo*.

(24) Hup (Epps 2005: 623)

badánka	popó-ǎn	g'əç- múy -úy
branca	inambu-OBJ	bite- NEG -DYNM

‘Branca (dog) did not catch the inambu.’ (‘Branca não pegou o inambu.’)

Observa-se, em hup, um sistema bastante complexo de negação, isto é, essa língua comporta distintas estratégias morfológicas e sintáticas para a marcação da negação sentencial, o que, seguindo a proposta deste trabalho, evidencia o caráter opaco de seu sistema de negação. Por outro lado, nenhuma de suas estratégias viola os princípios de transparência linguística (por fusão ou por redundância), sustentando, dessa maneira, a relação biunívoca entre significado e forma. Essa característica, numa escala de transparência/opacidade, distancia o hup de línguas como matis e matsés, por exemplo, cujas estratégias de negação violam o princípio de transparência por fusão.

Em síntese, a análise até aqui exposta permite concluir que o sistema de negação das línguas do grupo (II), ao deter mais de uma estratégia de negação, é opaco, já que, de certa forma, não sustenta a relação um-para-um entre significado e forma. Conforme demonstra a figura 2, os sistemas de negação das línguas kanoê, matis, matsés, kotiria, apurinã e hup alinham uma unidade de significado, no caso o operador de polaridade negativa, a várias unidades morfossintáticas, de diversas naturezas (morfológicas e/ou sintáticas). Isso representa uma relação um-para-muitos e, portanto, uma violação à projeção biunívoca entre significado e forma, o que evidencia o caráter opaco de tais sistemas de negação.

Línguas com mais de uma estratégia de negação:

operador de polaridade negativa



várias unidades morfossintáticas

Figura 2: Opacidade das línguas com mais de uma estratégia de negação

Além disso, ao deter mais de uma estratégia de negação, esses sistemas abrigam estratégias mais especializadas e, assim, contêm um conjunto de morfemas cumulativos. Entre as línguas analisadas, foi comum encontrar morfemas que, além da negação, sinalizam outros significados, como tempo e aspecto, o que reforça o caráter opaco das línguas do grupo (II). Torna-se necessário distinguir, no grupo (II), dois subgrupos: (c) um em que as línguas, mesmo com um sistema mais complexo de negação, abrigam estratégias que não violam a propriedade da transparência linguística, como o apuriña e o hup; e (d) outro em que as línguas abrigam algumas estratégias que, ou por fusão, ou por redundância, violam a propriedade da transparência linguística, firmando-se como línguas de caráter opaco, como o kanoê, o kotiria, o matsés e o matis.

Considerações finais e implicações teóricas

As considerações a respeito das estratégias de negação em cada uma das línguas analisadas neste artigo fazem pensar na relevância da negação para a análise da transparência (ou opacidade) dessas línguas.

A primeira implicação que a análise permite fazer é a distinção de dois grandes grupos: grupo (I), cujas línguas detêm um sistema de negação com uma única estratégia de negação, e grupo (II), com línguas cujo sistema de negação conta com mais de uma estratégia de negação. Em termos de transparência linguística, defende-se que os sistemas de negação de línguas do grupo (I) são transparentes, e que os sistemas de negação de línguas do grupo (II) tendem à não-transparência, isto é, à opacidade.

Por outro lado, os dados revelam que tal dicotomia deve ser relativizada em dois pontos:

- (i) entre as línguas do grupo (I), há aquelas cuja única estratégia é transparente, garantindo o alinhamento biunívoco entre operador de negação e unidade formal (subgrupo (a)), e há as que detêm uma estratégia não-transparente, pois não revela uma projeção um-para-um entre negação e unidade formal, como é o caso do morfema descontínuo do kaiowá (subgrupo (b));
- (ii) já entre as línguas do grupo (II), há aquelas cujas diferentes estratégias se conformam à relação um-para-um entre operador de negação e unidade formal (subgrupo (c)), e há as que apresentam estratégias que violam tal projeção biunívoca, ou por fusão, no caso dos morfemas cumulativos, ou por redundância, no caso da concordância de negação (subgrupo (d)).

Essa constatação permite classificar as línguas ao longo de uma escala que abriga diferentes tipos de violação de transparência linguística quanto às estratégias de negação, indo de línguas relativamente transparentes para línguas relativamente opacas/não-transparentes. Dessa forma, pode-se prever que a negação é um critério bastante apropriado

para sustentar a proposição de Leufkens (2014: 13) e Hengeveld e Leufkens (inédito) sobre a propriedade da transparência linguística não ocorrer de forma dicotômica, já que permite verificar diferentes tipos de violação de transparência linguística a partir da escala representada na figura 3.

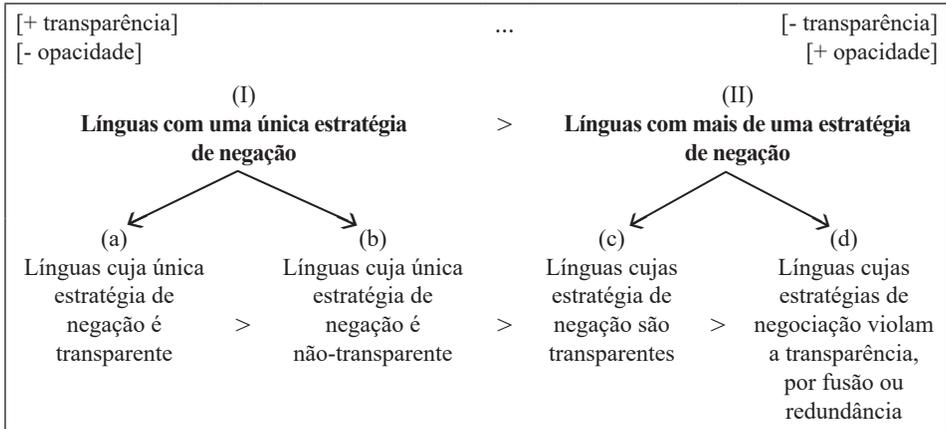


Figura 3: Escala de transparência/opacidade em termos de estratégias de negação

A distribuição das línguas nesses grupos e subgrupos, a depender dos tipos de estratégias de negação que empregam, dialoga com o tipo morfológico apresentado por elas. O quadro 2 organiza essa distribuição.

Quadro 2: Correlação entre tipo morfológico e transparência

[+Transparência / - Opacidade]				
(I)	(a)	1	xavante	isolante
		2	dâw	isolante (aglutinante / fusional)
	(b)	3	kaiowá	aglutinante
(II)	(c)	4	apuriña	aglutinante
		5	hup	aglutinante / fusional
	(d)	6	matis	aglutinante/isolante
		7	kotiria	aglutinante / polissintética
		8	kanoê	aglutinante / fusional / polissintética
	9	matsés	aglutinante/fusional/isolante / polissintética	
[-Transparência / + Opacidade]				

Predominantemente, as línguas do grupo (I), que se encontram no polo transparente, apresentam o tipo morfológico isolante, o que vai ao encontro do que aponta Hengeveld e Leufkens (inédito), ao discutir o caráter de transparência desse tipo morfológico. No xavante (1) a tipologia isolante é mais preponderante do que em dâw (2), que apresenta, além do tipo isolante proeminente, algumas propriedades aglutinantes e fusionais, configurando um tipo morfológico misto. Ambas as línguas compõem a categoria (a) nesse grupo, cuja única estratégia de negação é transparente, mas se estabelecem na ordem (1) e (2) em função da presença do tipo misto em dâw.

Ainda no grupo (I), mas em outra categoria (b), está o kaiowá (3), que viola o princípio de integridade de domínio ao empregar a negação sentencial. Essa língua é do tipo aglutinante, cuja única estratégia de negação é opaca, estabelecendo-se nessa ordem (3) em função da correlação entre o tipo morfológico e o tipo de estratégia de negação.

Entre as línguas do grupo (II), com mais de uma estratégia de negação, encontram-se, predominantemente, línguas com propriedades fusionais, hipótese também constatada por Hengeveld e Leufkens (inédito). Cumpre relatar que na amostragem a maioria das línguas desse grupo apresenta tipos morfológicos mistos, com o tipo aglutinante proeminente, perfil das línguas selecionadas.

Entretanto, são apresentadas duas distintas escalas de transparência para esse grupo: na categoria (c), no centro da escala de transparência, concentram-se línguas com múltiplas estratégias transparentes, como o apurinã (4) e o hup (5). Essas línguas são predominantemente aglutinantes, constatação que também dialoga com o que Hengeveld e Leufkens (inédito) apontam: línguas aglutinantes, predominantemente, permanecem no centro da escala. Essas duas línguas são assim estabelecidas em função da correlação dos tipos de estratégia que apresentam e do caráter híbrido do hup, que além da preponderância aglutinante, também apresenta propriedades fusionais, tidas como mais opacas.

Por fim, ainda no grupo (II), há o subgrupo (d), cujas múltiplas estratégias de negação são opacas, em que se concentram línguas do tipo misto, com propriedades aglutinantes, fusionais e polissintéticas. Mais centralizadas nessa escala, encontram-se as línguas menos híbridas: matis (6) e kotiria (7); a primeira com predominância do tipo aglutinante, mas apresentando também o tipo isolante, e a segunda com predominância aglutinante mas com propriedades polissintéticas. Mais próximas do polo opaco, encontram-se as línguas kanoê (8) e matsés (9), mais híbridas, congregando mais de dois tipos morfológicos: kanoê com a proeminência aglutinante, mas com propriedades fusionais e polissintéticas e matsés (9) com um sistema morfológico bastante complexo e de difícil classificação, encontrando-se entre línguas isolantes e polissintéticas e entre línguas aglutinantes e fusionais.

De forma geral, a escala discutida acima aponta para a confirmação das hipóteses levantadas no início do trabalho: (i) a de que línguas isolantes e aglutinantes apresentam estratégias transparentes de negação sentencial; e (ii) a de que línguas mistas e fusionais apresentam estratégias opacas, já que a distribuição das línguas a partir das estratégias nos grupos (I) e (II) pode se justificar, também, por seus tipos morfológicos.

Dessa forma, as discussões aqui levantadas evidenciam que a correlação tipo morfológico e transparência pode também ser produtiva para a compreensão do emprego de estratégias transparentes e opacas de negação sentencial, já que sinaliza a razão de as línguas selecionarem uma estratégia em detrimento de outra, o que pode ser aprofundado em uma análise mais detalhada.

Referências

- Bacelar, Laércio Nora (2004). *Gramática da língua kanoê*. Netherlands.
- Bernini, Giuliano; Ramat, Paolo (1996). *Negative sentences in the languages of Europe: a typological approach*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter.
- Cardoso, Valeria Faria (2008). *Aspectos morfossintáticos da língua kaiowá (guarani)* (Tese de doutorado em linguística). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.
- Dahl, Osten (1979). Typology of sentence negation. *Linguistics* 17: 79-106.
- Dalla Pria, Albano (2006). Tipologia linguística: línguas analíticas e línguas sintéticas. *SOLETRAS* VI(11): 113-121.
- Dryer, Matthew S. (2013). Negative morphemes. In Matthew S. Dryer; Martin Haspelmath (eds.) *The World Atlas of Language Structures Online*. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology. Disponível em <http://wals.info/chapter/112> (Acesso em 19/03/2017).
- Epps, Patience (2005). *A grammar of hup* (Ph.D. dissertation). Virginia: Graduate Faculty of the University of Virginia.
- Facundes, Sidney da Silva (2000). *The language of the Apurinã people of Brazil (Maipure Arawak)* (Ph.D. dissertation). Buffalo: University of New York.
- Ferreira, Rogério Vicente (2005). *Língua matis (Pano): uma descrição gramatical* (Tese de doutorado em linguística). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.
- Fleck, David William (2003). *A grammar of Matses*. Houston/Texas: Rice University.
- Hengeveld, Kees; Mackenzie, J. Lachlan (2008). *Functional discourse grammar: a typologically based theory of language structure*. Oxford: Oxford University Press.
- Hengeveld, Kees (2011). Introduction: Transparency in functional discourse grammar. In Kees Hengeveld (ed.) *Linguistics in Amsterdam* 4: 1-22.
- Hengeveld, Kees; Leufkens, Sterre *Transparent and non-transparent languages*. Amsterdam Center for Language and Communication (inédito).
- Leufkens, Sterre (2013). The transparency of creoles. *Journal of Pidgin and Creole Languages* 28(2): 323-362. doi: [10.1075/jpc.28.2.031eu](https://doi.org/10.1075/jpc.28.2.031eu)
- Leufkens, Sterre (2015). *Transparency in language: a typological study* (Ph.D. dissertation). Amsterdam: University of Amsterdam.
- Martins, Silvana Andrade (2004). *Fonologia e gramática dâw*. Netherlands: LOT.
- Miestamo, Matti (2007). Negation: an overview of typological research. *Language and Linguistics Compass* 1(5): 552-570.
- Oliveira, Christiane Cunha de (2005). *The language of the apinajé people of Central Brazil* (Ph.D. dissertation). Oregon: University of Oregon.
- Payne, John. R. (1985). Negation. In Timothy Shopen (ed.). *Language typology and syntactic description, volume I: Clause structure*, pp. 197-242. Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Stenzel, Kristine (2013). *A reference grammar of Kotiria (Wanano)*. Lincoln: University of Nebraska Press.

Abreviaturas

1	first person	ILAT	illative
2	second person	INC	inclusive
3	third person	IND	indicative
A	agent	IPFV	imperfective
ABS	absolute	IRR	irrealis
ADEL	adelative	LOC	locative
AFFECT	affectedness marker	M	masculine
ALT	alternate	NEG	negation
ANPH	anaphoric	NMLZ	nominalizer/nominalization
ASSERT	assertion	NOM	nominative
AUG	augmentative	NPST	non-past
AUX	auxiliary	O	object pronominal marker
CLE	specific nominal classifier	OBJ	object
CLV	verb classifier	PFV	perfective
CNG	connegative	PL	plural
COL	collective	POSS	possessive
CONJ	conjunção	PRIV	privative marker
DECL	declarative	PROG	progressive
DIM	diminutive	PRS	present
DIST	distal	PST	past
DYNM	dynamic	REC	recent
DUR	durative	RED	reduplication
DYMN	dynamic	REL	relative
EMPH	emphatic	REM	remote
ERG	ergative	SBJV	subjunctive
EST	estative	SG	singular
EXCL	exclusive	TEL	telic, contrastive emphasis
EXP	experiential	TOT	totalizer
FUT	future	VBZ	verbalizer
HAB	habitual	VIS	visual
		WH	interrogative word

Recebido 19/5/2017

Revisto: 31/8/2017

Aceito: 4/9/2017